

AS ROUPAS DO SUICÍDIO: ESTRANHAS E FAMILIARES

The Clothes of a Suicide: Strange and Familiar

Gomes, Arthur Miguel Pedri; Bacharel; Universidade do Extremo Sul Catarinense,
arthur.mpg@gmail.com¹

Moreira, Janine; Doutora; Universidade do Extremo Sul Catarinense,
arthur.mpg@gmail.com²

Grupo de Pesquisa em Descolonização, Educação e
Processos Subjetivos

Resumo: A motivação dessa pesquisa foi a busca por novas perspectivas sobre o fenômeno do suicídio. Buscou-se pensar o sujeito do suicídio na sua relação com os “objetos perdidos”/“os objetos que ficam”, no que diz respeito a esse artigo: sua relação com as roupas. As roupas do suicida. Tomamos como base referencial textos Freudianos e o ensaio de Peter Stallybrass: “A vida social das coisas: roupa, memória, dor”. O foco foi pensar a subjetividade inscrita na materialidade desse ato que constantemente é esvaziado de sentidos.

Palavras chave: Suicídio; roupas; luto.

Abstract: The main purpose of this research was the seek for new perspectives on the phenomenon of suicide. We sought to think about the subject of suicide in its relationship with “lost objects”/objects that remain”, with regard to this article: the relationship with clothes. Suicide's clothes. We take as reference Freudian texts and Peter Stallybrass's essay: “Worn Worlds: Clothes, Mourning, and the Life of the Things”. The focus was to think about the subjectivity inscribed in the materiality of this act that is constantly emptied of meaning.

Keywords: Suicide; clothes; mourning.

Introdução

Um sujeito impossível e contraditório se funda no suicídio. O suicida, no momento que passa a ser, também o deixa de ser. É uma equação não-matemática: todo novo suicida é também um suicida a menos. O empecilho aí é claramente a questão da materialidade. É justamente a partir desse ponto que localizo a minha pesquisa.

Na literatura científica, constantemente o suicídio se encontra tematicamente relacionado ao diagnóstico de depressão, como se esse fosse o próprio quadro clínico. Minha preocupação aqui

¹ Psicólogo, formado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

² Psicóloga, Mestre em Sociologia Política e Doutora em Educação; Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

não é essa. Não estou preocupado no “porquê”, mas no “como” as coisas se dão. Como lidamos com isso? Como lidamos com o que fica?


Mantenho o suicídio como um terreno pouco conhecido, utilizo-me de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Pensando no sujeito que se foi, olho para aquilo que ficou: suas roupas. Utilizo o ensaio de Stallybrass (2016) para pensar o afeto que se liga às peças de vestuário e invocam o falecido a se fazer presente em sua ausência. Penso a morte nas roupas. Mais que isso, penso nas roupas como artifício da memória. Como possibilidade de elaboração de luto. Nesse caso, de uma morte autoprovocada, uma situação (o suicídio propriamente) em que o ato típico de “lembrar para esquecer” atribuído ao luto é atravessado por agravantes.

Freud (1917, p.174) afirma: “Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido”. É um caso muito frutífero para pensar nossa relação com as roupas. Os objetos daquele corpo que ficaram, permaneceram. Freud também aponta para um tipo de experiência muito particular, e que podemos aqui relacionar a essas situações: O inquietante (das unheimliche) fala sobre uma sensação que é assustadora e que remonta a algo que é há muito conhecido, algo bastante familiar (FREUD, 1919). O que é mais familiar que as roupas de uma pessoa?

O sujeito que cometeu um suicídio, ainda assim, foi um sujeito. É munido dessa noção que vou até o suicídio. Acredito que, com ela, posso deixar de lado as interpretações moralizantes que finalizam o conceito de suicídio em si, e fecham a cadeia significativa de onde podemos tirar proveitosa elaboração. A última coisa que quero aqui é interpretar o suicídio à serviço de um dualismo moral, em que, por vezes, será interpretado como um “ato de coragem” ou um “ato de covardia” (BASTOS, 2009). Considero mais proveitoso ler o suicídio como uma marca deixada.

O Suicídio

Quem já perdeu um ente querido, já passou pela situação nada incomum de ter que dar um “fim” aos pertences do falecido. Dentre esses, as roupas se destacam. Elas estão postas como partes da personalidade daquela pessoa, digo mais: como partes da própria pessoa. Peter Stallybrass (2016) em seu ensaio “A vida social das coisas: roupa, memória e dor” apresenta uma reflexão sobre as nossas relações com as roupas (com uma ênfase especial às roupas daqueles que se foram).



Parto dos saberes desse texto para utilizar o suicídio como objeto de pesquisa e reflexão. Se toda morte gera algum tipo de luto, o luto do suicídio se apresenta nas suas particularidades.


As Roupas

Existem muitas situações em que algo se transforma para sempre. Mas nada é tão definitivo quanto a morte. A morte é a transformação última. Peter Stallybrass (2016, p. 14) indica que “quando nossos pais, nossos amigos, nossos amantes morrem, as roupas ficam ali, em seus armários, retendo seus gestos, ao mesmo tempo confortantes e aterradores – os vivos sendo tocados pelos mortos”. Quando ele afirma isso, está falando sobre uma relação íntima das pessoas e suas roupas, como se elas carregassem suas identidades (pelo menos, é assim que os outros vão olhar para elas). As roupas vivem mais que os corpos que ela ocupa (e que, de certa maneira, são ocupados por elas). Stallybrass (2016) aponta para a marca humana que é irredutivelmente posta nas roupas: a roupa que fica puída com aquelas formas próprias de cada um, ou mais: o cheiro que fica impregnado, talvez para sempre.

Na verdade, podemos expandir o olhar para a moda como um todo. “Com sua existência atrelada à uma espécie de presença da ausência de novo, a moda se constitui como cadáver da sua própria essência” afirma D’Almeida (2018, p. 67). A moda se relaciona paradoxalmente à vida e à morte. Podemos pensar que a moda se constitui às margens do tempo. “Sob a égide de uma sombra temporal” (D’ALMEIDA, 2018, p. 66).

A moda é paradoxalmente o não-atual. Ela sempre supõe um tempo morto das formas, uma espécie de abstração mediante as quais estas se tornam, como ao abrigo do tempo, signos eficazes que, como que por uma torção do tempo, [...] poderão voltar a assombrar o presente com sua não-atualidade, com todo o encanto do voltar-a-ser em oposição ao vir-a-ser das estruturas. Estética do recomeço: a moda é aquilo que retira frivolidade da morte e modernidade do já conhecido. (BAUDRILLARD, 1996, p.116).

As roupas presentes apontam para o passado. Foram feitas no passado. Foram usadas no passado. Quando alguém morre, as roupas presentificam sua ausência e ganham uma qualidade fantasmagórica (STALLYBRASS, 2016). Como afirma o autor: não é uma coincidência completa que os fantasmas muitas vezes saem dos armários e dos guarda-roupas para nos estarrecer



(STALLYBRASS, 2016, p. 23). As roupas, em muitos casos, são aquilo que ficou e, com a sua presença, invoca aquele outro ausente.

Na intenção de fazer a ponte com o tema do suicídio, dirigi-me à psicanálise freudiana para entender melhor o luto (já tão presente na obra de Stallybrass).


O Luto

Para Freud o suicídio está relacionado ao quadro clínico da melancolia, este, por sua vez, está relacionado ao luto.

O luto, de forma resumida, é uma reação à perda de uma pessoa amada, ou de uma abstração substitutiva a essa. O luto é possível por conta do trabalho do luto: a readequação à nova realidade, agora sem o objeto amado. O que torna o trabalho do luto possível é a consciência do objeto (por exemplo: a pessoa amada) que “falta” e a reorganização a essa realidade, agora em uma nova posição àquele objeto amado e “perdido” (FREUD, 1917[1915] /2010). Trata-se de todo um processo que acontece fora do âmbito das palavras. O processo de automortificação no Eu melancólico é localizado na perda que a pessoa sofreu. A “sombra” do objeto se sobrepõe ao seu Eu.

Não é preciso de muito para perceber que Freud (1917[1915]/2010) e Stallybrass (2016) não estão falando de situações dissidentes. Em ambos, a morte é marcada por um grande investimento objetal. Quando Freud fala de tanto do luto quanto da melancolia, ele reitera que um trabalho é necessário para retirar a libido (energia dedicada) da representação inconsciente daquele objeto (na maioria dos casos, o objeto de amor; a pessoa amada). Esse é um processo lento e demorado, pois essa representação é formada por inúmeras pequenas impressões singulares (FREUD 1917[1915]/2010). É nesse espectro que entram as roupas, como objetos presentes nessas impressões.

Em *A vida Social das Coisas*: “A roupa tende, pois, a estar fortemente associada à memória. Ou, para dizê-lo de forma mais incisiva, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua ausente presença.” (STALLYBRASS, 2016, p. 17-18). E quando essa morte é autoprovocada?



A principal diferença do processo de luto em um suicídio para o de outro tipo de morte está exatamente nas perguntas: para quem elas serão dedicadas. Em uma morte por doença ou acidente, o enlutado que acredita em forças maiores se questiona “por que Deus o tirou de mim?”. Em um suicídio, dificilmente existe a abertura para esse questionamento fatalista. O enlutado apresenta questionamentos mais atrelados ao mundo concreto (e que, por assim serem, apresentam uma palpabilidade mais frustrante). “Por que ele quis fazer isso?”; “Onde foi que eu errei?”. Nos atendimentos psicológicos dirigidos a familiares, é comum verificar que as sessões giram em torno dessas perguntas. É comum também os relatos de vergonha e dificuldade de “retornar à vida” (FEIJOO, 2021).

Devemos, portanto, confrontar a definição do suicídio quando ele se resume ao ato de tirar a própria vida voluntária e deliberadamente. O resumo do ato, em si, é uma última fotografia de um processo do qual as variáveis, temos de admitir, são quase sempre muito nebulosas. Quando dizemos que é provocado de modo intencional, voluntário e deliberado, não desvelamos as motivações ou outras naturezas de determinantes desse tipo de deliberação, e provoca-se ainda o questionamento sobre a voluntariedade dos atos humanos (LEITE, 2018, p. 96).

Novamente, aqui entram as roupas. A relação da moda com a morte é íntima. A moda possui paradoxalmente uma capacidade de superar, tanto a morte como o esquecimento, isso diz respeito sobre o seu potencial de atualização, de vivificação histórica. Na moda reside uma capacidade própria de resgatar elementos e motivos de épocas que já passaram. Esse movimento é feito naturalmente por um procedimento de citação histórica. As roupas recuperam elementos antigos, já dados como mortos, e trazem esses elementos para um novo contexto no presente (DIAS; MEIRELES, 2019).

Podemos aqui citar Benjamin (2006, p. 103) que afirma: “Este espetáculo – como o que é totalmente novo se forma a partir daquilo que se passou – é o verdadeiro espetáculo dialético da moda”. Pois, à sua maneira, a moda “introduz o que está morto no presente. A moda é contemporânea de toda época passada”. (BENJAMIN, 2006, p. 982).

Um Estranho-familiar

Retornando a Freud, podemos pensar a relação com as roupas de um suicídio também pela via de outro conceito: O Inquietante (*Das Unheimliche*).


O que é esse “Inquietante”? Para Freud, o inquietante (*unheimliche*) fala sobre uma sensação que é assustadora e que remonta a algo que é há muito conhecido, algo bastante familiar (FREUD, 1919). A dificuldade de estudar esse conceito se apresenta já no início da excursão teórica de Freud: o inquietante é caracterizado pelo sentimento do inquietante, ou seja, varia de pessoa para pessoa. De qualquer maneira, podemos caracterizá-lo a princípio como: “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar.” (FREUD, 1919/2010, p. 331). Freud (1919/2010, p. 338) aponta que: “Unheimlich seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu.”

Na própria formação da palavra, para caracterizar algo que “não é familiar”, para ter efeito de “inquietante” (infamiliar), necessita de certa “familiaridade”. Freud (1919/2010, p. 332) fala: “Algo tem que ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante”. Pensemos no inquietante como algo que, de tão íntimo, parece estranho. Um estranho-familiar.

O Inquietante irá nos ajudar a pensar a relação roupa/suicídio através do reconhecimento da morte como um fenômeno de estranhamento. Freud (1919/2010, p. 360) afirma: “Para muitas pessoas é extremamente inquietante tudo o que se relaciona com a morte, com cadáveres e com o retorno dos mortos”.

Não é difícil imaginar as roupas de um suicida dentro de um cenário inquietante. Os objetos carregam tanto a marca da pessoa como do último ato que ela cometeu. Estão agora marcados pela familiaridade do “já conhecido” e da estranheza que a situação impõe. O suicídio em si é inquietante, mas a experiência de inquietação, de “infamiliaridade” será atribuída a objetos no presente. Objetos que carregam aquilo que foi subtraído da consciência, mas reapareceu após um evento que mudou os significados e os sentidos das coisas. As roupas do suicida ficam em um limiar: querem ser lembradas e esquecidas.

Toda essa discussão foi feita sem levar em consideração direta as roupas que o suicida usou durante o ato. Acredito que essa é uma discussão maior, mais íntima. Contento-me em falar que elas carregam, muitas vezes, a marca material do ato, e com isso carregam um peso mais difícil ainda de sustentar. É esperado que essas roupas sejam descartadas. Sua presença seria não só inquietante, como também assustadora.



Considerações Finais

As roupas podem invocar aquele que se foi. É a partir disso que começamos a nossa investigação. Pensamos sobre os movimentos comuns de quem passa por um luto, e percebemos que todo o trabalho de luto é intensificado em um caso de suicídio. O luto de um suicídio é muito mais marcado por questionamentos e dúvidas.

Freud (1919/2010) nos ajudou a pensar sobre a própria experiência inquietante que circula um suicídio. Enquanto Stallybrass (2016) nos indicou a íntima relação que mantemos com as roupas. Foi nesse caldeirão que pudemos traçar um indicativo de como essas situações se interlaçam.


É uma experiência deveras inquietante e pouco comentada. As roupas tornam-se estranhas e familiares. São familiares por já serem conhecidas, e estranhas por nunca terem sido vistas (e vestidas) nessa situação.

As roupas presentificam aquele para o qual as dúvidas são direcionadas.

A pessoa foi, ficaram-se as roupas?

Ficou nas roupas a pessoa que se foi.

Com elas, as perguntas sem respostas.



Referências

BASTOS, Rogério Lustosa. Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. **Psicologia USP**. 2009, v. 20, n. 1, pp. 67-92. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100005>>. Acesso em 3 ago. 2021

BAUDRILLARD, Jean. “A Moda ou Magia do Código”. In: **A Troca Simbólica e a Morte**. Trad. Maria Stela Gonçalves & Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1996. pp. 109-130.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

D’ALMEIDA, Tarcisio. **As Roupas e o Tempo: uma Filosofia da Moda**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, 2018.

DIAS, Warley Souza; MEIRELES, Ildenilson. A Dialética da Moda Segundo Walter Benjamin: Fantasmagorias do Tempo e Redenção Histórica. **Poiesis – Revista de Filosofia**. Montes Claros, v.18, n.1, 2019. p. 108-125.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Situações De Suicídio: Atuação do psicólogo junto a pais enlutados. **Psicologia em Estudo**, Rio de Janeiro, v. 26, 9 fev. 2021.

FREUD, Sigmund. LUTO E MELANCOLIA (1917[1915]). In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

FREUD, Sigmund. O INQUIETANTE (1919). In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**; Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.

LEITE, Pedro Morales Tolentino. O que quer dizer o suicida?: A escuta psicanalítica do sujeito que constrói a própria morte. In: MARQUETTI, Fernanda (Org.). **Suicídio: Escutas do Silêncio**. São Paulo: UNIFESP, 2018. p. 91-121.

STALLYBRASS, Peter. “A vida social das coisas: roupa, memória, dor”. In **O Casaco de Marx: roupa, memória, dor**. Trad. Tomaz Tadeu – 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 11-38.